



**Prevalência dos fatores de risco e de proteção
comportamentais em adolescentes de Belo Horizonte**

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009 e 2012



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

www.pbh.gov.br

**Prevalência dos fatores de risco e
de proteção comportamentais em
adolescentes de Belo Horizonte**

**Pesquisa Nacional de Saúde do
Escolar (PeNSE), 2009 e 2012**

Elaboração

Anne Marielle Girodo

Caroline Schilling

Estela de Cássia Pereira

Jaqueline Camilo de Sousa Felício

Lenice Harumi Ishitani

Lúcia Maria Miana Mattos Paixão

Maria das Graças Rodrigues de Oliveira

Maria Tereza da Costa Oliveira

Silvana de Andrade Souza

Simone Campos Maia de Andrade

Projeto Gráfico

Produção Visual - Gerência de Comunicação Social

Secretaria Municipal de Saúde

Belo Horizonte

2016

1. Introdução

Na adolescência, fase de transição entre a infância e a vida adulta, ocorrem transformações cognitivas, emocionais, sociais, físicas (MALTA *et al.*, 2010). Com a necessidade da auto-afirmação e ganho de autonomia, ocorre busca de novas experiências e adoção de novas práticas e comportamentos. No entanto, a ainda pouca experiência expõe o adolescente a situações de risco, que muitas vezes serão mantidos na vida adulta. Dessa forma, o monitoramento de fatores de risco é fundamental para orientar ações de promoção à saúde para esse grupo etário.

Em 2009, a partir da parceria da Coordenação Geral de Doenças e Agravos Não Transmissíveis/Secretaria de Vigilância em Saúde/Ministério da Saúde (CGDANT/SVS/MS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e com apoio do Ministério da Educação, foi realizada a 1ª edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) e nova edição foi realizada em 2012. A coleta de dados, referente à terceira edição, está sendo realizada no primeiro semestre de 2015.

A PeNSE é um estudo transversal realizado por meio de amostra probabilística de escolares do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais (BRASIL, 2009). Alunos desta série têm habilidades necessárias para responder ao questionário estruturado auto-aplicável e já se encontram suscetíveis à exposição de diversos fatores de risco.

Este inquérito investiga fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes, relacionados às doenças e agravos não-transmissíveis (DANT), como: alimentação, atividade física, tabagismo, consumo de álcool e outras drogas, imagem corporal, antropometria, saúde bucal, comportamento sexual, violência e acidentes.

A Pesquisa obedeceu aos princípios éticos e, portanto, medidas foram tomadas para proteger o adolescente. Todas as informações foram confidenciais, inclusive as da escola.

Os pesos amostrais foram calculados de maneira a representar os escolares matriculados no 9º ano do ensino fundamental que frequentam regularmente a escola.

A seguir, são apresentados resultados da PeNSE de 2012, referentes à população pesquisada em Belo Horizonte, segundo sexo e dependência administrativa da escola (pública ou privada). Para marcadores que apresentaram perfil diferente dos resultados de 2009, os dados referentes a esta edição anterior também são apresentados.

2. Resultados

2.1. Caracterização demográfica

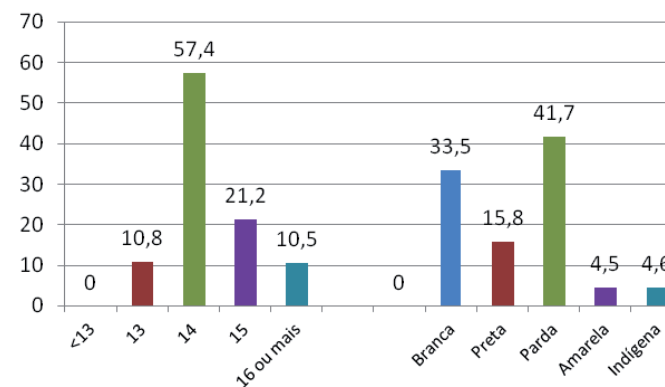
Foram coletadas informações de 3091 escolares em 65 escolas, em 2009 e de 2754 escolares em 68 escolas, em 2012. Em 2009, a população foi composta por

escolares que estudavam em escolas públicas (81,3%) e privadas (18,7%), sendo 47,7% do sexo masculino e 52,3% do sexo feminino. Em 2012, a população de escolares que estudavam em escolas públicas correspondia a 76,0% e em privadas, 24,0%, sendo 48,2% do sexo masculino e 51,8% do sexo feminino.

Observou-se que, em 2012, 89,5% desses escolares em Belo Horizonte tinham idade entre 13 e 15 anos, segmento etário preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como referência para os estudos de adolescentes (Gráfico 1).

Quanto ao quesito raça/cor, observou-se maior percentual de pardos (41,7%) e brancos (33,5%) (Gráfico 1).

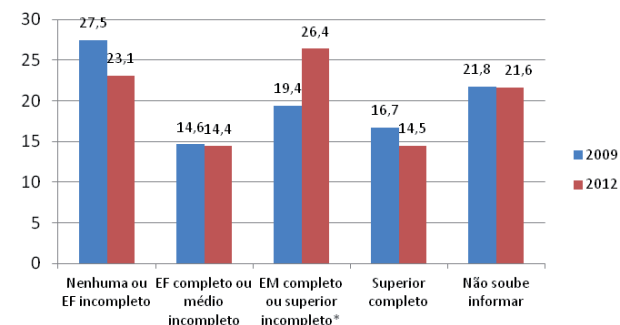
Gráfico 1. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, por idade e raça/cor. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

Não souberam informar o grau de escolaridade da mãe, 21,6% dos adolescentes. A pesquisa ainda revelou que, em 2012, 23,1% das mães não possuíam o ensino fundamental completo e o percentual de escolaridade de mães com ensino médio completo aumentou de 19,4%, em 2009, para 26,4%, em 2012 (Gráfico 2).

Gráfico 2. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, por nível de instrução da mãe. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

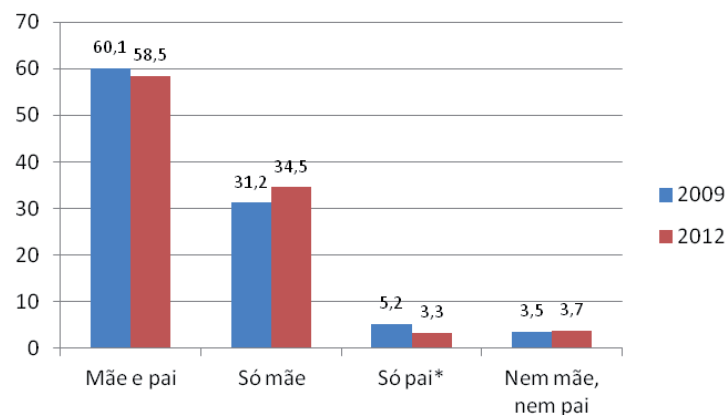
2.2. Contexto sociofamiliar

Em seu cotidiano, quando há oportunidade de relacionamento com diferentes pessoas, o adolescente tem a possibilidade de interiorizar valores, construir pensamentos e formas de se perceber o mundo. Nesse contexto, a participação ativa da família e dos pais tem extrema importância, influenciando as possíveis condutas de risco do adolescente, como por exemplo, o consumo de álcool, drogas, tabagismo e hábito alimentar (MALTA et al., 2011).

Da mesma forma, realizar refeição na companhia de pais ou responsáveis e o fato destes saberem o que os adolescentes fazem no tempo livre têm efeito protetor (MALTA et al., 2011).

De acordo aos dados da PeNSE, referentes a Belo Horizonte, mais da metade dos escolares moravam com pai e mãe (60,1% em 2009 e 58,5% em 2012). Em 2012, 3,7% dessas crianças não contavam com a presença de mãe ou pai na residência (Gráfico 3).

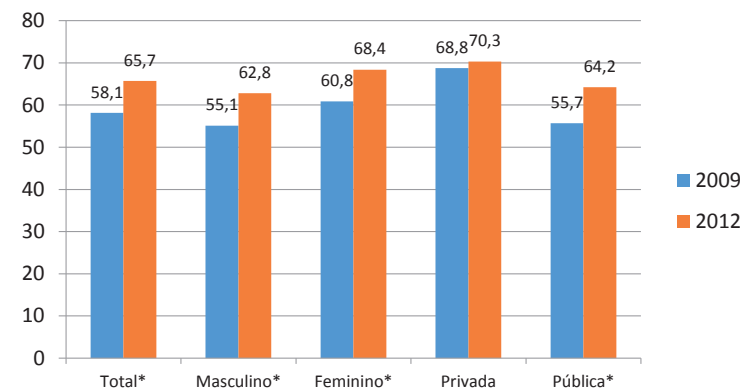
Gráfico 3. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, que moram com pai e/ou mãe. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

Em relação a 2009, houve aumento do percentual de adolescentes que declararam que os pais ou responsáveis sabiam o que eles faziam no tempo livre (58,1% em 2009 e 65,7% em 2012). No entanto, essa frequência mostrou ser menor no sexo masculino e em estudantes de escolas públicas, nos dois períodos analisados (Gráfico 4).

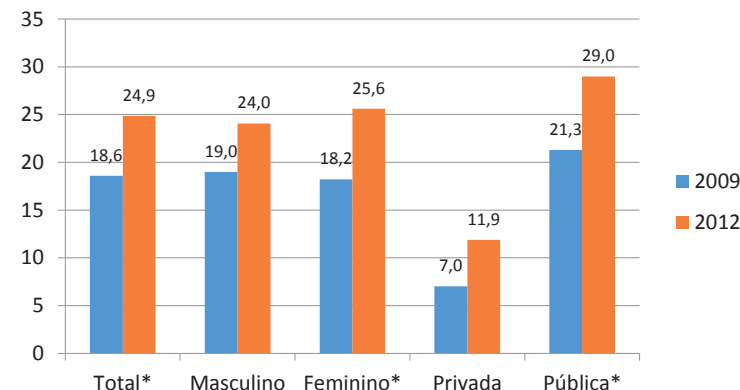
Gráfico 4. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, cujos pais ou responsáveis sabiam o que eles faziam durante os tempos livres, nos últimos 30 dias, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

O percentual de escolares que faltaram às aulas sem autorização dos pais foi de 24,9%, maior que o resultado encontrado em 2009 (18,6%). Este comportamento foi bem mais frequente em escolas públicas do que em privadas (Gráfico 5).

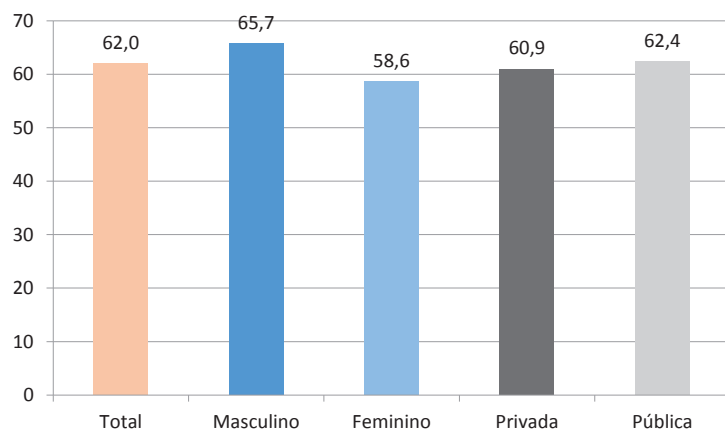
Gráfico 5. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que faltaram às aulas ou à escola, nos últimos 30 dias, sem permissão dos pais ou responsáveis, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

Segundo os dados obtidos na PeNSE em 2012, 62,0% dos escolares costumavam fazer cinco ou mais refeições na semana com a presença da mãe ou responsável, sendo maior no sexo masculino (65,7%) e não havendo variação quanto à dependência administrativa (Gráfico 6).

Gráfico 6. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que costumam fazer refeições em cinco ou mais dias na semana com a presença dos pais ou responsáveis. Belo Horizonte, 2012



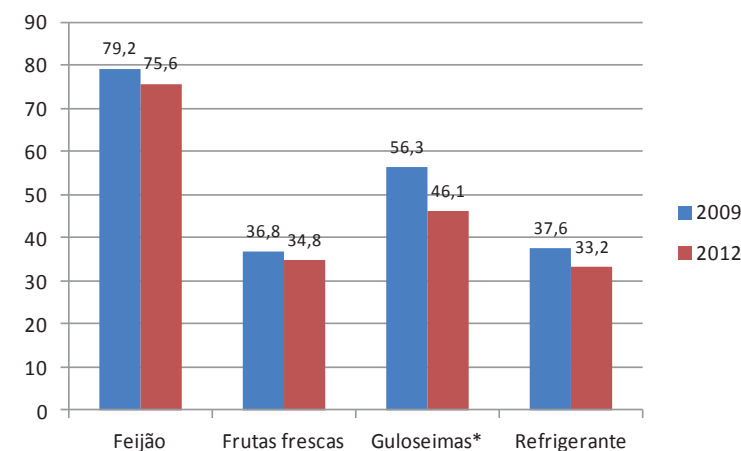
Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

2.3. Consumo alimentar

Os adolescentes tendem a viver o momento atual, não dando importância às consequências de seus hábitos alimentares, que podem ser prejudiciais. Sabe-se que hábitos alimentares inadequados na infância e adolescência podem ser fatores de risco para doenças crônicas e obesidade (GAMBARDELLA, 1999).

Marcadores de consumo saudável, como o consumo regular de feijão e frutas frescas, apresentaram percentual de 75,6% e de apenas 34,8%, respectivamente, em 2012. Quanto ao alimento marcador de hábito não saudável, 33,2% dos adolescentes consumiam refrigerante em cinco ou mais dias por semana, enquanto o percentual foi de 46,1% para consumo regular de guloseimas (balas, bombons, chicletes, doces, chocolates ou pirulitos), tendo este último apresentado redução estatisticamente significativa em relação a 2009 (Gráfico 7).

Gráfico 7. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental com consumo alimentar maior ou igual a cinco dias, nos últimos sete dias, por alimento marcador de hábito saudável e não saudável. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS

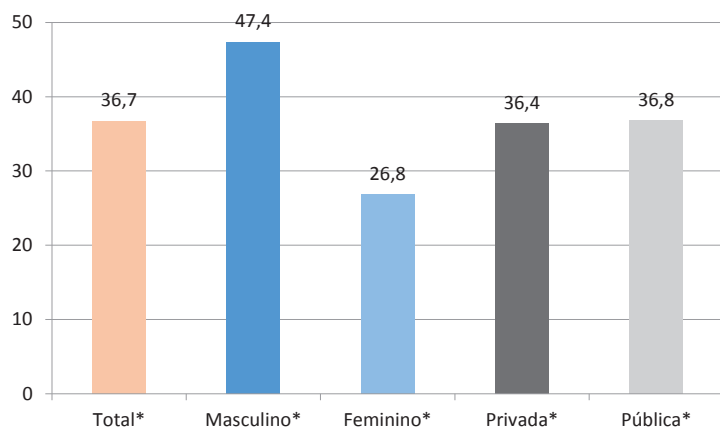
*p<0,05

2.4. Atividade física

Há evidências que, durante a adolescência, a atividade física proporciona benefícios diversos, dentre eles os associados à saúde esquelética (conteúdo mineral e densidade óssea), controle da pressão sanguínea e da obesidade. Além disso, há estudos que mostram que a exposição à inatividade física, quando iniciada na infância ou adolescência, torna-se mais estável na vida adulta e, portanto, mais difícil de modificar (MAIA et al., in: TASSITANO et al.; 2007, AZEVEDO et al., 2007).

Em Belo Horizonte, pouco mais de um terço dos adolescentes havia praticado, nos sete dias anteriores à pesquisa, pelo menos 300 minutos de atividade física, tempo recomendado para esta faixa etária. Observou-se pior situação de sedentarismo nas meninas que nos meninos (26,8% contra 47,4% de adolescentes ativos) (Gráfico 8). Esses achados também são bem preocupantes, pois, conforme citado anteriormente, a prática de atividade física na adolescência está relacionada com menor probabilidade de sedentarismo na vida adulta.

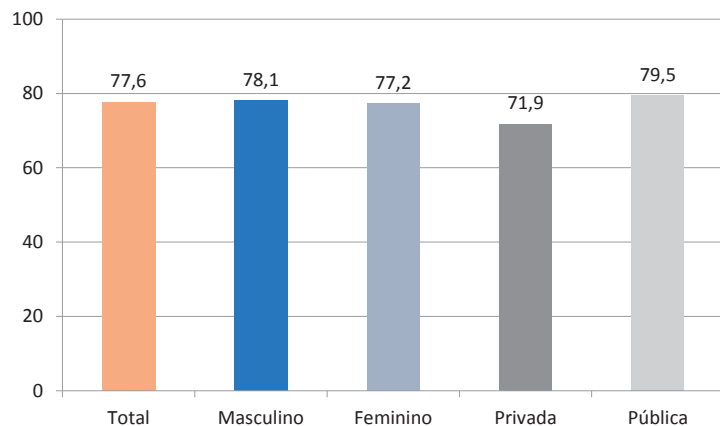
Gráfico 8. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, com 300 minutos ou mais de atividade física acumulada, nos últimos sete dias, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

A grande maioria dos escolares (77,6%) passa mais de duas horas em frente à TV. Este percentual, em Belo Horizonte, é maior nas escolas públicas (79,5%) que nas privadas (71,9%) (Gráfico 9). Não houve diferença em relação a 2009. Achado grave, pois além do sedentarismo, essa prática associa-se ao consumo de alimentos calóricos, baixo consumo de frutas e vegetais e pouco gasto de energia (OMS, in MALTA, 2010).

Gráfico 9. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, que costumam assistir duas ou mais horas de televisão, num dia de semana comum, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2012



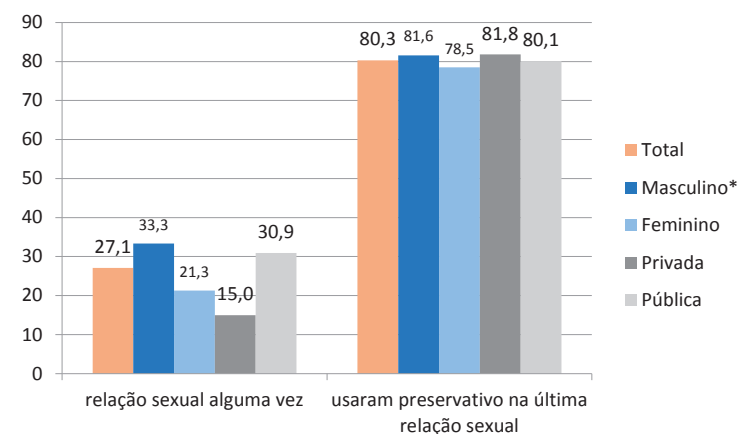
Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

2.5. Comportamento reprodutivo e sexual

A iniciação sexual precoce está associada a comportamentos de risco como o não uso dos preservativos, além de uso de tabaco, consumo de álcool e outras drogas.

A PeNSE permitiu conhecer o comportamento sexual desses adolescentes. Em Belo Horizonte, o percentual de escolares que tiveram relação sexual alguma vez foi de 27,1%. Este percentual foi maior em meninos (33,3% em meninos e 21,3% em meninas) e o dobro em escolas públicas (30,9% em públicas e 15,0% em privadas) (Gráfico 10). Dentre os que tiveram relação sexual, 80,3% relataram ter usado preservativo na última relação sexual (Gráfico 10).

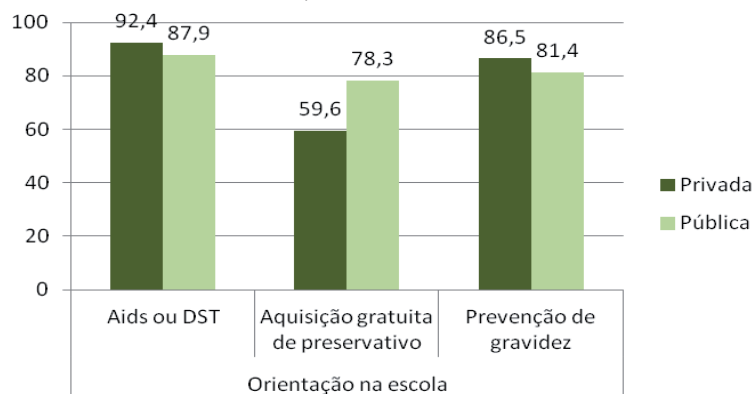
Gráfico 10. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que tiveram relação sexual alguma vez; usaram preservativo na última relação sexual, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012.



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

Não houve diferença entre o percentual de estudantes de escola pública e privada, quanto à orientação recebida sobre aids ou doenças sexualmente transmissíveis (DST) e prevenção de gravidez, respectivamente, em torno de 90% e de 85%. No entanto, o percentual de adolescentes que informaram ter recebido orientação quanto à aquisição gratuita de preservativo foi bem maior em escolas públicas (78,3%) (Gráfico 11).

Gráfico 11. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que receberam orientação, na escola, sobre doenças sexualmente transmissíveis e prevenção de gravidez, por dependência administrativa. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

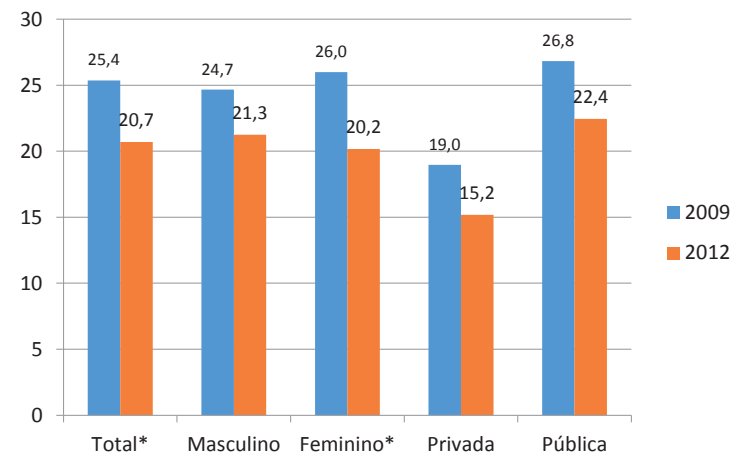
2.6. Experimentação de tabaco, álcool e drogas ilícitas

O consumo de substâncias psicoativas é também um problema de saúde pública. O início do uso geralmente ocorre na adolescência, podendo estar associado a problemas escolares (faltas, repetência, evasão escolar e dificuldade de aprendizagem), sociais (relacionamentos com outros usuários e envolvimento em atividades ilegais), características de personalidade (intolerância à frustração, inibição, agressividade e impulsividade) e transtornos psiquiátricos e problemas familiares. Seu consumo em excesso ainda pode estar associado à violência, suicídio, acidentes de trânsito, dependência química e outros problemas de saúde.

Em relação à experimentação de tabaco (uso alguma vez na vida), observou-se uma diminuição do percentual de adolescentes que já havia experimentado cigarro alguma vez (de 25,4% para 20,7%, $p < 0,05$) em relação à 2009. Este percentual permanece maior nas escolas públicas (22,4%) do que nas privadas (15,2%) (Gráfico 12).

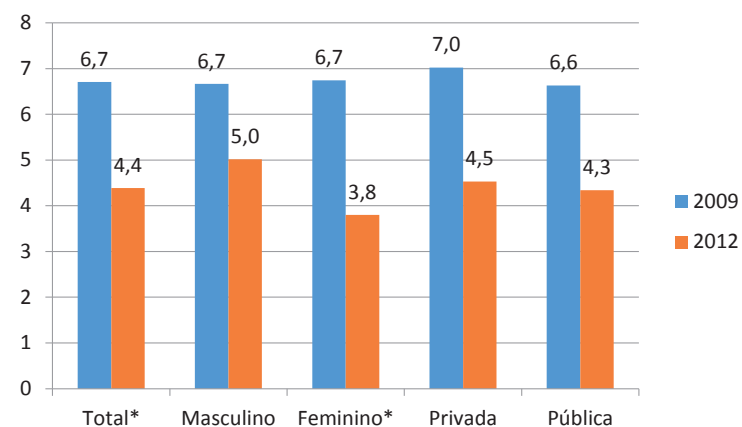
A OMS define como uso regular (ou habitual) de tabaco, ter fumado por pelo menos um dia durante os 30 dias anteriores à pesquisa, independente da frequência e intensidade do consumo. Em Belo Horizonte, houve também diminuição do uso regular de cigarro, de 6,7% para 4,4% ($p < 0,05$), em ambos os sexos e nas escolas públicas e privadas (Gráfico 13), sendo essa redução significativa em meninas ($p < 0,05$).

Gráfico 12. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que experimentaram cigarro alguma vez, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS
* $p < 0,05$

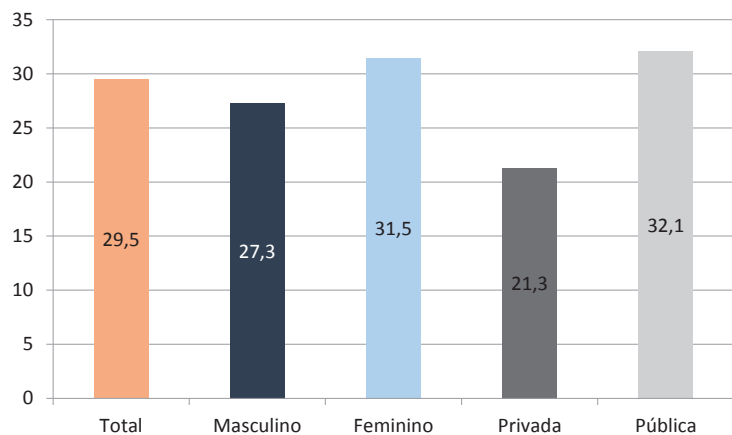
Gráfico 13. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que fumaram cigarros pelo menos 1 dia, nos últimos 30 dias, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE 2009 e 2012/IBGE/SVS-MS
* $p < 0,05$

Segundo 92,3% dos escolares, em 2012, a família se importaria muito caso soubesse que o estudante fuma cigarros. No entanto, cerca de 30% dos adolescentes relataram que pais ou responsáveis fumavam cigarros, sendo este percentual maior nas escolas públicas que nas privadas (32,1% e 21,3%, respectivamente) (Gráfico 14)

Gráfico 14. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, em cujas residências pelo menos um dos pais ou responsáveis fumam cigarros, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2012

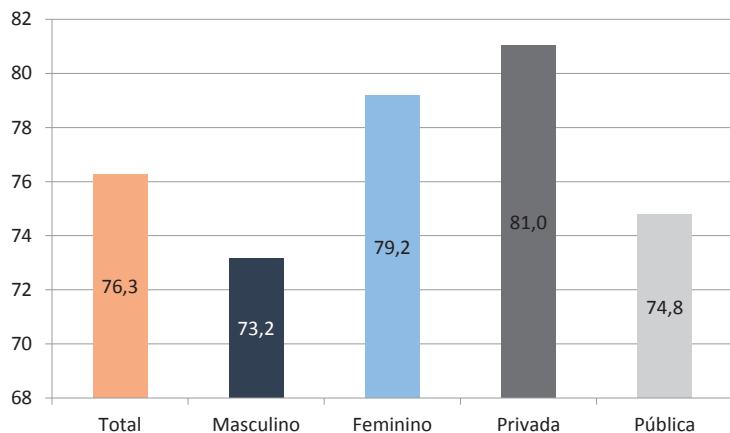


Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

Segundo a OMS, a experimentação de álcool é definida como o uso alguma vez na vida e, como uso regular (ou habitual), ter bebido pelo menos um dia durante os 30 dias anteriores à pesquisa.

Entre os adolescentes, 76,3% já haviam experimentado álcool alguma vez na vida. Observou-se diferença, porém não significativa, entre os sexos e categorias de dependência administrativa, com maior prevalência no sexo feminino e em escolas privadas (Gráfico 15).

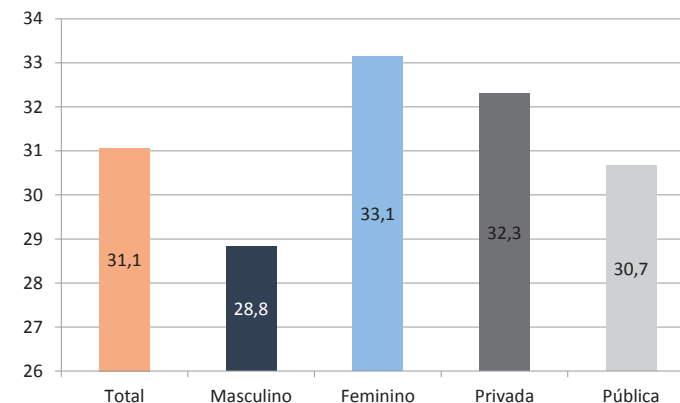
Gráfico 15. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que experimentaram bebida alcoólica alguma vez, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

Quase um terço dos escolares (31,1%) havia feito consumo regular de álcool (pelo menos um dia nos últimos 30 dias). Ressalta-se a maior prevalência de consumo regular em meninas e escolas privadas (Gráfico 16).

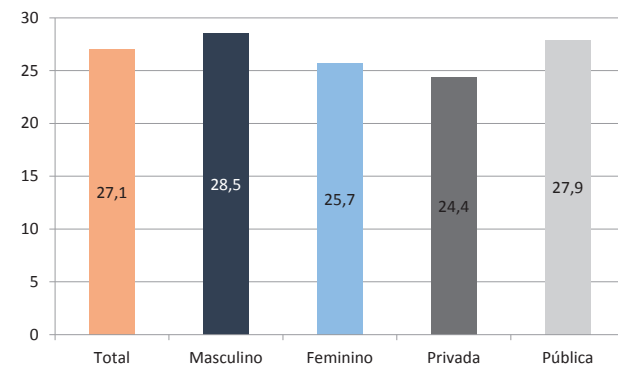
Gráfico 16. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que consumiram bebida alcoólica pelo menos um dia, nos últimos 30 dias, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

Outro marcador que apontou o uso abusivo de álcool por escolares foi o relato de ter sofrido algum episódio de embriaguez. Apesar de mais de 85% dos escolares terem relatado que a família se importaria muito caso o estudante chegasse bêbado em casa, mais de um quarto deles (27,1%) respondeu que já se embriagou. Nota-se uma tendência de maior percentual no sexo masculino e em escolas públicas (Gráfico 17).

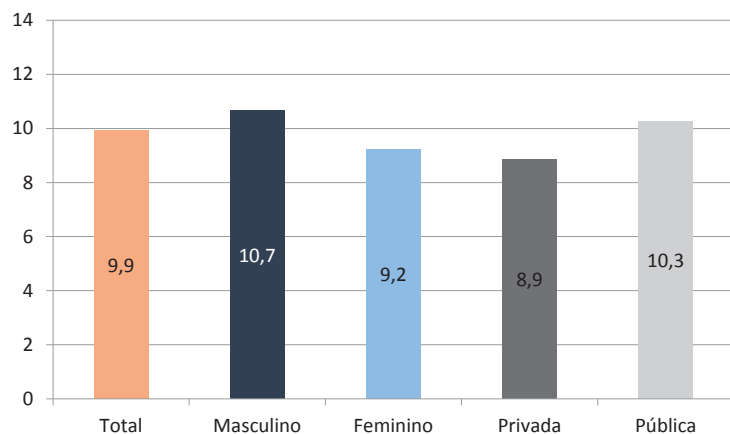
Gráfico 17. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que já sofreram algum episódio de embriaguez, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

Em relação ao uso de drogas ilícitas alguma vez na vida, 9,9% responderam positivamente a essa questão. Este achado foi maior para meninos (10,7%), sem diferença entre escolas públicas e privadas (Gráfico 18).

Gráfico 18. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que usaram drogas ilícitas alguma vez, por sexo e dependência administrativa da escola. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

2.7. Violências

A violência é uma questão de saúde pública, pois traz sequelas para as vítimas, podendo causar inclusive a morte.

Quanto à exposição à violência, houve aumento significativo entre 2009 e 2012 do percentual de escolares do município que não compareceram à escola por falta de segurança no trajeto casa-escola (de 6,0 para 9,9%). Comparando-se as escolas públicas e privadas, observou-se que a diferença foi significativa, sendo mais que o dobro em 2009, e quase 3 vezes maior em 2012, nas escolas públicas (Gráfico 19).

Em relação ao bullying, 36,5% relataram ter sido vítimas nos 30 dias anteriores ao da pesquisa, o que foi ligeiramente superior no sexo masculino (masculino-39,7% e feminino-33,4%). Quanto à dependência administrativa não houve diferença, significando que o bullying permeia diferentes classes sociais (pública-37,5% e privada-36,1%) (Gráfico 20).

Gráfico 19. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que, nos últimos 30 dias, não compareceram à escola por falta de segurança no trajeto casa-escola ou na escola, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012

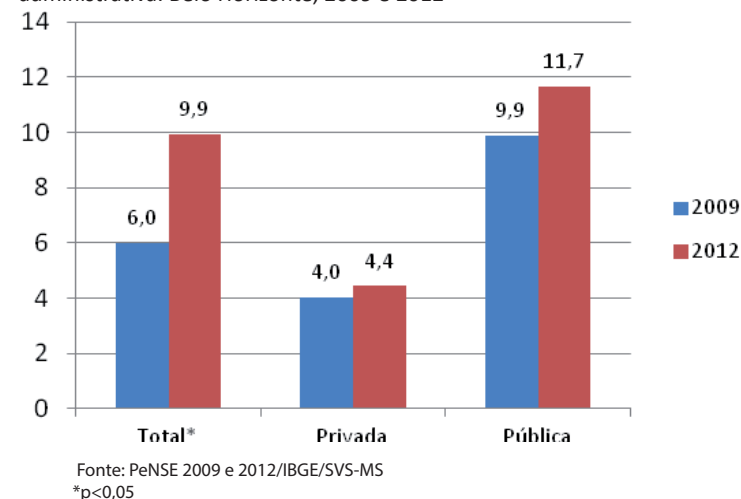
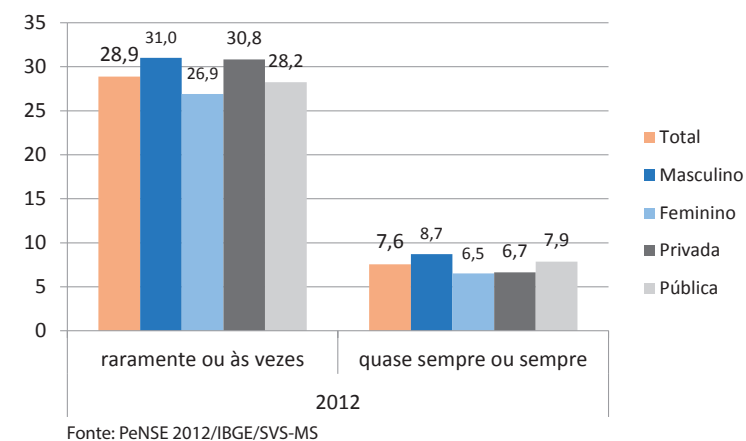


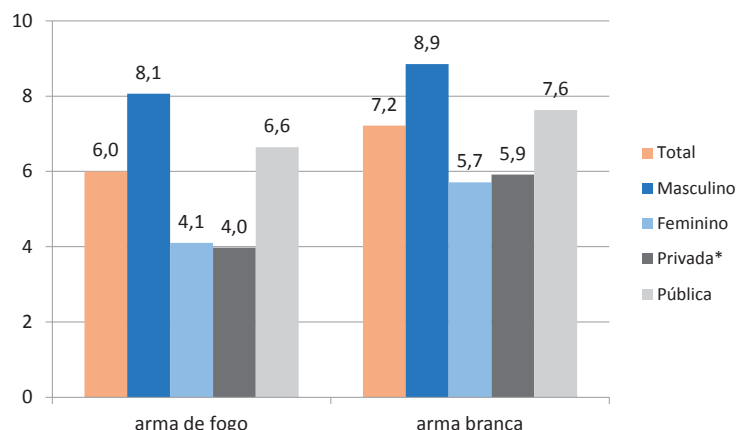
Gráfico 20. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que, nos últimos 30 dias, se sentiram humilhados pelas provocações de colegas, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2012



Quanto ao envolvimento em briga na qual uma pessoa usou arma de fogo, 6,0% informaram ter participado, sendo 8,1% em meninos e 4,1% em meninas (duas vezes maior em meninos). No entanto, quando se compara por dependência administrativa, observou-se que o percentual nas escolas públicas (6,6%) foi maior que nas privadas (4,0%) (Gráfico 21).

O percentual de escolares que relataram envolvimento em briga na qual uma pessoa usou arma branca foi 7,2%, sendo este percentual 1,6 vezes maior no sexo masculino (8,9%) que no sexo feminino (5,7%) e nas escolas públicas (7,6%), 1,3 vezes maior que nas privadas (5,9%) (Gráfico 21).

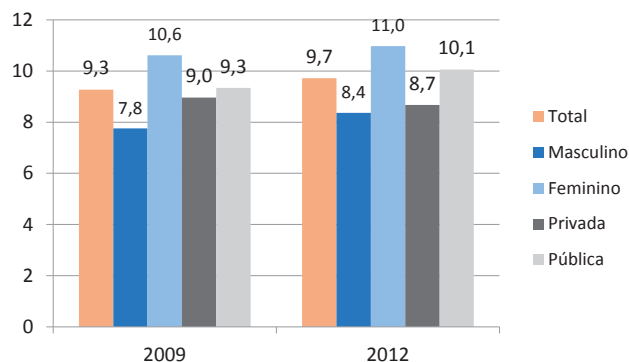
Gráfico 21. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que, nos últimos 30 dias, estiveram envolvidos em alguma briga na qual alguma pessoa usou arma de fogo ou arma branca, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS
*p<0,05

Em relação à agressão física por um adulto da família, não houve alteração significativa entre 2009 e 2012. Em 2012, 9,7% relataram ter sido vítimas, permanecendo o maior percentual no sexo feminino (11,0%) e 8,4% no masculino (Gráfico 22).

Gráfico 22. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que, nos últimos 30 dias, foram agredidos fisicamente por um adulto da família, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012



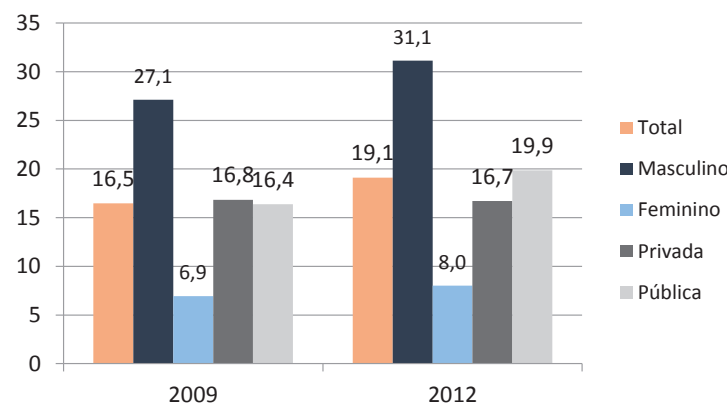
Fonte: PeNSE/IBGE/SVS-MS

2.8. Comportamentos relacionados à segurança no trânsito

Os acidentes de trânsito constituem-se um sério problema de saúde pública, por serem apontados como uma das principais causas de morbimortalidade entre adolescentes e jovens, no Brasil e em outros países. Os jovens, ao começarem a dirigir, passam a constituir população de alto risco desse tipo de acidentes, especialmente pela inexperiência na condução de veículos e pela impulsividade característica da idade, além de outros fatores, como o consumo de álcool e drogas, aliados à deficiente fiscalização existente no País (BRASIL, 2005).

A PeNSE verificou alguns comportamentos relacionados à segurança no trânsito. Chamou atenção que, em 2009, 16,5% dos escolares menores de 18 anos de idade declararam ter dirigido nos últimos 30 dias e este percentual passou para 19,1% em 2012, aumentando também no sexo masculino (de 27,1% para 31,1%) e em escolas públicas (de 16,4% para 19,9%) (Gráfico 23).

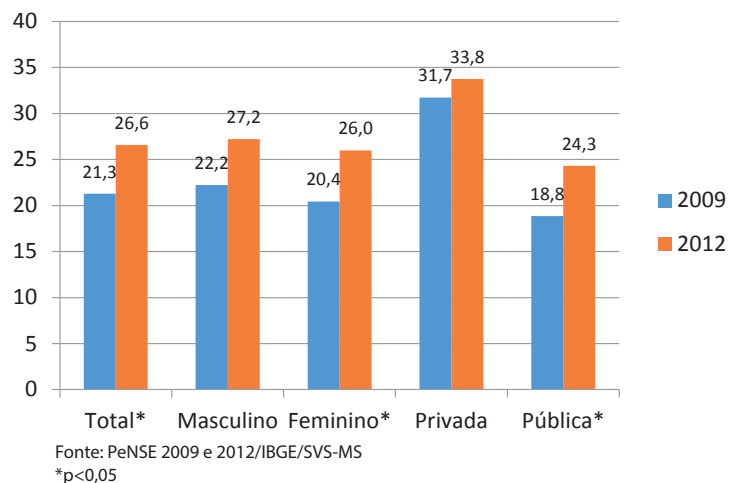
Gráfico 23. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental menores de 18 anos que, nos últimos 30 dias, dirigiram veículo motorizado, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012



Fonte: PeNSE/IBGE/SVS-MS

Houve aumento significativo do percentual de escolares que relatou ter usado veículo motorizado dirigido por alguém que consumiu álcool (de 21,3 para 26,6%), sendo este percentual bem maior em escolas privadas do que nas públicas (Gráfico 24). Este achado reforça a importância das ações educativas e de fiscalização voltadas para a associação perigosa de álcool e direção.

Gráfico 24. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que, nos últimos 30 dias, usaram veículo dirigido por alguém que consumiu álcool, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2009 e 2012



2.9. Saúde Bucal

Uma boa higiene bucal é parte integrante das práticas de saúde geral. Com o objetivo de conhecer o estado de saúde bucal desse grupo etário, foram avaliadas pela PeNSE a frequência da escovação de dentes e relato de dor.

A escovação de dentes realizada pelo menos três vezes ao dia foi declarada por 68,5% dos escolares, sendo ligeiramente maior no sexo feminino e nas escolas públicas, possivelmente como resultado das ações educativas (Gráfico 25).

Quanto ao relato de dor de dente nos últimos seis meses, 16,3% declararam ter sofrido ao menos um episódio, sendo 1,6 vezes maior no sexo feminino (19,9%) do que no masculino (12,4%) e nas escolas públicas (17,8%) do que nas privadas (11,6%) (Gráfico 26).

Gráfico 25. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental com escovação de dentes igual ou superior a 3 vezes ao dia, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2012

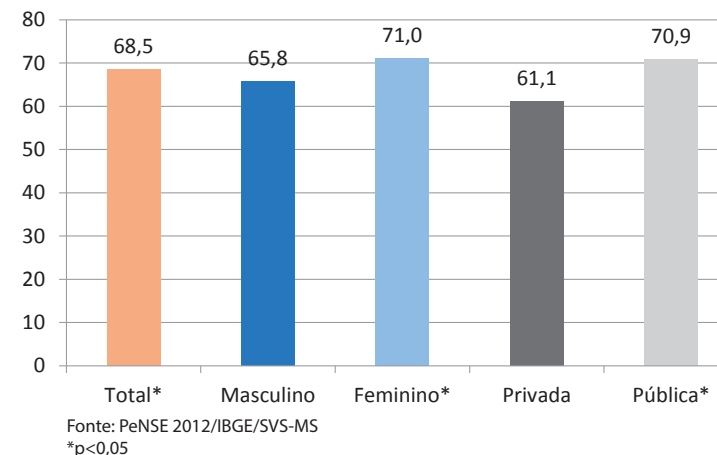
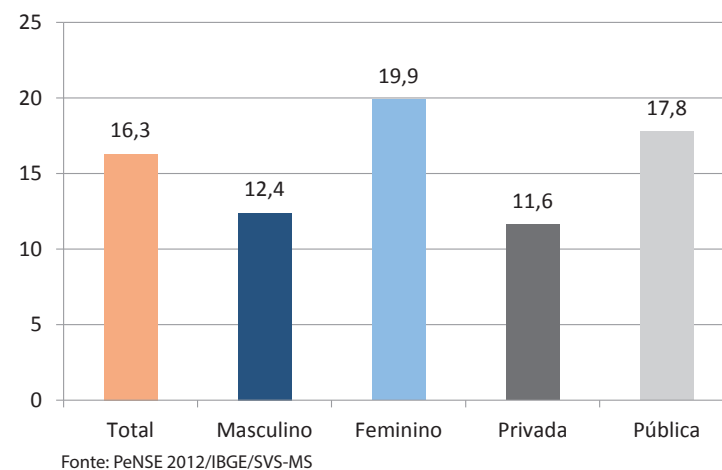


Gráfico 26. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental com dor de dentes, nos últimos 6 meses, por sexo e dependência administrativa. Belo Horizonte, 2012

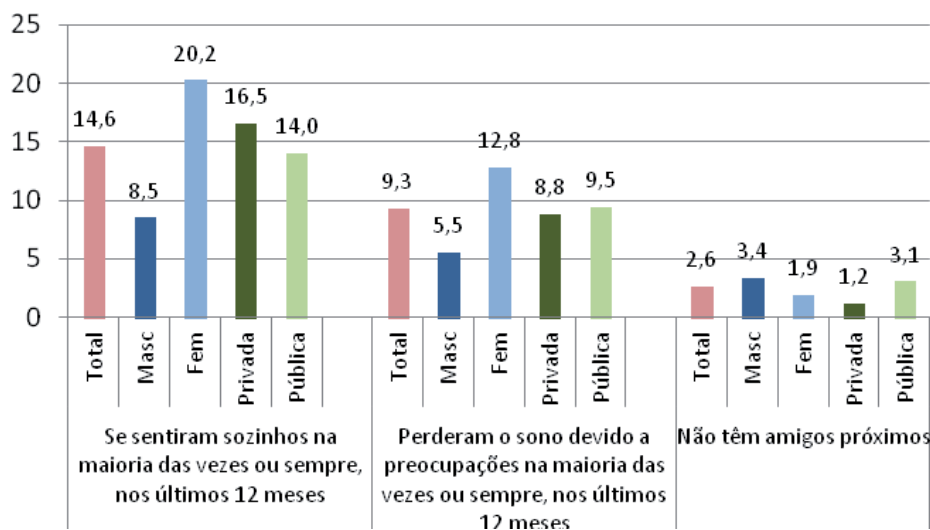


2.10. Saúde Mental

Outro fator importante na adolescência, a dimensão saúde mental, foi avaliada na PeNSE 2012. Evidências sugerem que os adolescentes que apresentam depressão, solidão e outros sintomas tendem a ter maior uso de substâncias, durante a adolescência e posteriormente na vida adulta. Também apontam a importante associação entre a saúde mental e uso de substâncias em adolescentes (tabaco, álcool e uso de drogas) (MALTA *et al.*, 2014).

Resultados, em relação à Saúde Mental, foram alarmantes: 14,6% dos escolares relataram que se sentiram sozinhos na maioria das vezes ou sempre, nos últimos 12 meses, sendo este percentual de 20,2% em meninas; 9,3% perderam o sono devido a preocupações na maioria das vezes ou sempre, nos últimos 12 meses, percentual também maior no sexo feminino (12,8%). Informaram que não têm amigos próximos, 2,6% dos adolescentes, sendo este percentual maior nas escolas públicas (3,1%) do que nas privadas (1,2%) (Gráfico 27).

Gráfico 27. Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que se sentiram sozinhos ou perderam o sono devido a preocupações na maioria das vezes ou sempre, nos últimos 12 meses ou não têm amigos próximos. Belo Horizonte, 2012



Fonte: PeNSE 2012/IBGE/SVS-MS

3. Considerações finais

A PeNSE possibilitou conhecer a prevalência de alguns fatores de risco e de proteção para as Doenças e Agravos não Transmissíveis (DANT) em escolares do 9º ano do Ensino Fundamental.

Um dos importantes achados em Belo Horizonte foi que, em 2012, pouco mais da metade (58,1%) dos pais ou responsáveis sabia o que eles faziam no tempo livre e quase um quinto (18,6%) dos escolares faltou às aulas sem autorização dos pais. A ausência do conhecimento pode ser um problema no que diz respeito à intervenção precoce na iniciação de comportamentos de risco, como o tabagismo, a toxicod dependência, violência urbana, entre outros.

Outro achado relevante foi o baixo consumo de frutas frescas (34,8%) e o elevado consumo de guloseimas e refrigerantes (46,1% e 33,2%, respectivamente), ressaltando a importância da promoção de ações e campanhas que concitem à alimentação saudável voltadas para esta faixa etária.

No que tange à atividade física, bem menos da metade dos adolescentes havia praticado pelo menos 300 minutos de atividade física nos últimos sete dias (36,7%). A grande maioria dos escolares (77,6%) passava mais de duas horas em frente à TV.

Em relação à saúde sexual e reprodutiva, estudo da Organização Mundial de Saúde revelou que a iniciação sexual precoce está associada com o não uso ou uso inadequado de preservativos e suas conseqüências, tais quais gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (HUGO, 2011). O percentual de escolares que informou ter tido relação sexual alguma vez foi de 27,1%. Dentre esses, 80,3% relataram ter usado preservativo na última relação sexual. Quanto à orientação recebida na escola sobre aids ou doenças sexualmente transmissíveis (DST), prevenção de gravidez e aquisição gratuita de preservativo, não houve diferença em relação a 2009.

Quanto ao uso de drogas e consumo de álcool, os marcadores também são preocupantes. Pelo menos um quinto dos escolares (20,7%) já havia experimentado cigarro alguma vez; um alto percentual relatou que já havia experimentado álcool (76,3%); quase um terço (31,1%) havia feito consumo regular de álcool e mais de um quarto deles (27,1%) respondeu que já se embriagou. Em relação ao uso de drogas ilícitas alguma vez, em Belo Horizonte o percentual foi de 9,9%.

Este resultado denota a gravidade do quadro, tendo em vista que o uso do álcool está associado ao risco de acidentes e violências, além de aumentar o risco de doenças cardiovasculares (OMS, in MALTA, 2010). Outro problema é a sua associação com a experimentação de outras drogas (MALTA *et al.*, 2010).

Assim sendo, ressalta-se a importância das campanhas antitabagismo serem também direcionadas ao público juvenil, na tentativa de sensibilizar esses escolares, uma vez que a iniciação precoce ao fumo é um preditor de uso de outras substâncias, como álcool e drogas ilícitas (PEDEN *et al.*, 2008).

A PeNSE revelou ainda a magnitude da exposição dos escolares à violência; houve aumento, de 2009 para 2012, do percentual de escolares que não compareceram à escola pela falta de segurança no trajeto casa-escola (de 6,0% para 9,9%); 36,5% relataram ter sido vítima de bullying nos 30 dias que antecederam a pesquisa. A presença de arma branca e de arma de fogo em briga na qual estavam envolvidos, foi informado por 7,2% e 6,0% dos escolares, respectivamente. Quanto à violência doméstica, 9,7% relataram ter sido vítimas de agressão por adulto da família, sendo esse percentual maior em meninas (11,0%), e pouco maior entre alunos de escolas públicas, apontando ser um problema nas diferentes classes da sociedade.

Em relação ao comportamento no trânsito, um percentual importante (19,1%) dos menores de 18 anos de idade declarou ter dirigido e ainda 26,6% dos escolares relataram ter usado veículo motorizado dirigido por alguém que havia consumido alguma bebida alcoólica. Tais achados reforçam a importância de ações educativas, sensibilizando quanto às graves consequências decorrentes de acidentes de trânsito. A direção de veículos motorizados por esses escolares e o relato de terem usado veículo dirigido por alguém que havia consumido bebida alcoólica corrobora com a informação da análise dos fatores de risco de acidentes feita pelo município, onde se encontrou importante número de condutores inabilitados e elevado percentual de vítimas fatais com presença de álcool ou outras drogas no sangue (aproximadamente 30% em acidentes ocorridos em período semelhante). A promoção da saúde em diversos âmbitos de atuação (escolas, mídia, serviços de saúde, redes sociais, dentre outros), propicia a minimização dos impactos socioeconômicos causados pelos acidentes na atualidade.

Em relação à Saúde Mental, análise nacional da PeNSE mostrou que não ter amigos propicia o uso de tabaco e outras drogas ilícitas. Ou seja, estas substâncias estão mais ligadas a comportamentos de isolamento social e ao sofrimento mental (MALTA *et al.*, 2014) apontando para a importância dos resultados em Belo Horizonte.

Ressalta-se a importância do espaço escolar como um difusor de informação para a promoção da saúde e minimização dos fatores de risco para crianças e adolescentes. A escola se constitui como um espaço fundamental para a formação e desenvolvimento de valores, hábitos e atitudes voltados para a cidadania, para a saúde, cooperação, convivência e cultura de paz. Além disso, tem um papel mediador entre as famílias, estudantes e professores, possibilitando encontros e discussões com temas de saúde, visando o enfrentamento dos principais problemas que afetam esta população.

Dentro do contexto das políticas de saúde voltadas para crianças e adolescentes, o Programa Saúde na Escola (PSE) se constitui como uma estratégia relevante para incluir e vincular esta população à rede de atenção primária à saúde, especialmente crianças e adolescentes de famílias mais vulneráveis. Em Belo Horizonte, o PSE encontra-se implantado em 169 escolas municipais de ensino fundamental,

envolvendo a atuação de 180 jovens monitores, 20 equipes de saúde específicas do PSE, além dos 148 centros de saúde e da rede complementar de apoio (Núcleos de Apoio à Saúde de Família –NASF's, Centros de Reabilitação -CREAB's, Centros de Especialidades Médicas - CEM's, saúde mental, entre outros).

A periodicidade das edições da PeNSE permitirá realizar o monitoramento dos marcadores apresentados, assim como avaliar os impactos de ações direcionadas para o adolescente.

Referências

Azevedo MR, Araujo CL, Cozzensa da Silva M, Hallal PC. **Tracking of physical activity from adolescence to adulthood: a population-based study.** Rev Saude Publica 2007; 41(1): 69-75.

Brasil. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. PeNSE 2009.** Rio de Janeiro: IBGE, 2009. [site da Internet]. [acessado 2012 mai 7]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências: Portaria MS/GM n.º 737 de 16/5/01, publicada no DOU n.º 96 seção 1E de 18/5/01 /Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 64 p. – (Série E. Legislação de Saúde)**

Gambardella AMD, Frutuoso MFP e Franchi C. **Prática alimentar de adolescentes.** Rev. Nutr. Campinas, 1999, 12(1): 55 – 63.

Hugo TDO, Maier VT, Jansen K, Rodrigues CEG, Cruzeiro ALS, Ores LC et al. **Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: Estudo de base populacional.** Cad. Saúde Pública 2011; 27 (11): 2207-2214.

Malta DC, Sardinha LMV, Mendes I, Barreto SM, Giatti L, Castro IRR *et al.* **Prevalência de fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) Brasil, 2009.** Ciência & Saúde Coletiva 2010; 15 (Supl. 2): 3009-3019.

Malta DC, Porto DL, Melo FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Lessa BH. **Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares.** Rev Bras Epidemiol 2011; 14(1) Supl.: 166-77.

Malta DC, Campos MO, Prado RR, Andrade SSC, Mello FCM, Dias AJR, Bomtempo DB. **Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012).** Rev Bras Epidemiol 2014; SUPPL PeNSE 2014; 46-61.

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. 2012

Peden, M. World Report n Child Injury Prevention. Geneva: World Health Organization; UNICEF. 2008.

Tassitano RM, Bezerra J, Tenório MCM, Colares V, Barros MVG, Hallal PC. **Atividade física em adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática.** Rev Bras Cine Des Hum 2007;9(1):55-60.



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

www.pbh.gov.br

